

AMORES INÚTEIS

Amores inúteis nos vinculam com importantes valores postos em coisas sem importância.

MINHA MEMÓRIA

Minha memória contribui com uma obscura cumplicidade, extravia páginas com preciosas lembranças. Foram recolhidas de forma inatingível, libertadas do meu comando, perdidas para sempre. Espiei curioso, nunca imaginei que pudessem estar tão perto sem poder tocá-las. Às vezes elas se soltam do meu controle e aparecem nos meus sonhos querendo me ajudar a atravessar a censura, são partes dos mistérios que eu escondia de mim mesmo.

JANIO QUADROS

Depois de assumir a presidência da República, em 1961, Janio Quadros foi perguntado sobre a escolha de alguns ministros. O entrevistador desejava saber porque entre eles havia alguns inimigos seus. Ao que Janio respondeu: “Porque para uma horta ou um jardim sempre se faz necessário um bom esterco.”

UM TESOURO

Quando o amor se inaugura, parece saber ele o lugar da ressonância, fica extensivo, afasta suspeitas, estimula encantos, ali há um tesouro. Ficamos rendidos sem ideia do risco, celebramos a novidade, transformando-a em algo acessível, diário e perene. O amor nos deixa gananciosos, inventa proteções que sugerem um lugar sem perigos. Manifesta impunidade, prega uma segurança que depois não dá. Dá a entender que nele não há prejuízo e que todas as contas serão pagas em dia. Diante dessa suposta proteção, relaxamos nossas precauções. Esta coisa de ter cuidados parece não ser muito importante, bastando algumas pequenas evitações externas. Não se percebe que a memória tardia possa ser privada sem destruir o valor do meio, nem o fracasso do fim.

O AMOR

O amor é uma gloriosa rendição que derruba acordos e funda finais.

IDEIAS SONHADAS

Vizinho à imperfeição recolho as fragilidades, as protejo das tentações de exibí-las. Aonde iremos parar de exhibir os piores momentos, os vazios impossíveis de preencher, as fantasias longínquas da realidade, as ideias sonhadas?

LIÇÕES

A natureza impõe suas lições, joga-nos nessa corrente que nem sempre leva ao mar, nem sempre alivia as penas, nem sempre realiza os sonhos desejados.

Nossos desejos se aproveitam do improvisado para convencer o coração de que o amor pode brotar. Falseamos para sepultar a censura e fingir encanto. Ofuscados no entendimento nos perdemos achando conveniente chegar logo aos nossos propósitos, para não sermos infelizes. Temendo as falhas, nos valem de estratégias para evitar despedidas e ataques, ofensas, rendições, providenciamos uma despedida que procure ajudar no término nos livrando do esforço de uma mútua rendição. Toda saída se vê dificultada porque nunca é fácil aceitar a desistência.

LUTAMOS POR PRAZOS

Abandonados, sem a proteção do amor que infundiu um valor ao viver, lutamos por prazos, ajustamos as tolerâncias, mudamos atitudes, tudo em nome do amor.

MILAGRES

Amadurecidos, parece que os anjos nos abandonam, não há mais abrigo para o sonho, desembolsamos as últimas esperanças de forma algumas vezes desesperada, auspicando milagres, vinganças.

VERTER LAGRIMAS

Às vezes duvido entre deixar verter lágrimas e contemplar os rumores que me emancipam da tristeza. Não lembro de dor tão doída como a de perceber o vazio da presença.

LEMBRANÇAS ENCHARCADAS

Ressoa no silêncio lembranças encharcadas feito fantasmas se movendo na escuridão. A casa tinha um pátio, um pequeno canteiro, uma figueira, uma parreira, um galinheiro, o resto era a reunião, o sol se esparramava no chão de cimento, a roupa quarando, outros espaços, uma ex-garagem abrigava uma churrasqueira, em tempo de estudos jovens estudantes galgando novidades, um fogareiro onde minha mãe, no meio da noite, vinha assar kaftas e carne no espeto para animar nosso cansaço. Havia qualquer coisa naquele mundo envolvendo todas as coisas, as pessoas, como que esperando não se sabia o quê. Além dos seus limites ali gestou-se um grande livro onde todos os dias se escrevia a história para não desvanecer em retalhos guardados como memórias inanimadas, elas nos pertencem num interminável vai-e-vem de gente que chega todos os dias até aqui, seus cheiros, vozes se prolongando no silêncio, brincam de esconde-esconde, entranhadas na carne, era a felicidade, e não sabíamos.

MEUS LOUCOS ATOS

Perdoem meus desvairados atos, dói-me a saudade profunda diante das verdades deturpadas, dos valores despedaçados, da memória condenada à pena de morte, dos idiomas violentados, dos corpos dilacerados, da natureza que lentamente criou a espécie, os encontros sentidos, os apegos.

QUANDO A PAIXÃO

Às vezes quando a Paixão subia em busca de um caminho que drenasse suas emoções, nem sempre ordenadas. Até que aquela formosa estrutura permitisse uma doma, qualquer intenção seria infrutífera em controlar. A Paixão reage diante da comprovação o errante propósito de controlar coisas que não entende.

TIBET E OS ESPELHOS

No Tibet não se usavam espelhos; não oficialmente, porque os espelhos se consideravam uma vaidade; se uma pessoa era surpreendida olhando-se a um espelho se estimava que pensava mais nas coisas carnis que nas espirituais.

IGNORANTES

As pessoas ignorantes falam com prazer e contundência de coisas que não entendem. Usam suas fingidas sabedorias com grande agilidade, pulverizando imprudências excitando debilidades alheias.

PERVERSOS

Os perversos não têm interesses em mudanças.

MAQUIAVEL

As alianças contra o príncipe são fáceis de fazer e difíceis de manter.

MINHAS HORAS VAZIAS

Minhas lembranças tem a mania de arranhar minhas horas vazias, longe do divino e do estranho, longe de tudo desaguando histórias com afã de renovação.

MIL NOITES

Silêncios me cumprimentam mil noites no caminho do meu oásis onde resguardo minha infância, entram e saem quintais onde sepultaram parreiras, figueiras, bergamoteiras, as flores gritando pelos canteiros ousando entrar nos meus olhos para depositar lembranças nas cavernas não mapeadas. Mantidas atemporais ainda se erguem neófitas atadas a um tempo que me tentava a desvendar mistérios imortais.

JUVENTUDE ADIADA

Juventude adiada, salgada pelos mares e seus abismos, na última nau não voltou mais, o caminho incerto dos sonhos ainda não vividos dispensou da alma o berço e o abrigo.

A VIDA

A vida tão certa, permitindo sonhos, paixões no mesmo teatro da decepção, o beijo inocente pleno de desculpas, as almas que exaltam faltas e presenças. A vida como ilha afortunada que sorri para fazer dormir e sorri para fazer valer a pena despertar.

ETERNA ESPERA

O símbolo fecundo que se faz do amor uma eterna espera, se assim for necessário. Costura surpresas, separar-nos da infância sem atentar que se perde do céu, é se apressar em direção as aflições disfarçadas de maturidade, rótulos decididos ao apagar as pegadas, esconder o sorriso que domina sem querer, enquanto em silêncio se tramam afetos tecendo histórias para continuar nossos caminhos.

DEPOIS DA ESQUINA

Um mistério era tudo o que eu desconhecia, depois da esquina, na dispensa de um calendário em desuso, sem urgências esperar novos limites, dispensando as partituras acomodando nos meus ouvidos as notas coincidentes, afinadas, a voz penetrando na música e a letra descoberta como uma raiz a mostrar que a alma sempre vigia.

PASSOS VELHOS

Enquanto os passos fluem no entardecer que pede calma, vestem o caminho penetrando na terra batida à cata de um poema pronto onde depositar o pé, em busca de uma luva que me alcançasse alguma ternura.

ALGUM MOTIVO

Despertar, amanhecer, catar algum motivo, motivação que virasse a farinha em pão, o sim neutralizasse o não, e a batalha com as palavras criassem o milagre de ser poema.

NIETZCHE

Nietzche dizia que para edificar um santuário era necessário destruir outro e aconselhava demolir o onanismo moral no qual intuía suas fontes: o narcisismo e a agressão. Em sua tipologia designava como ideal ascético aquele indivíduo que combinava a má consciência com o ressentimento. Precisamos uma crítica dos valores morais, e ante todo deve discutir-se o valor destes valores, e por isso é de toda necessidade conhecer as condições e os meios ambientes em que nasceram, em que se desenvolveram e deformaram (a moral como consequência, máscara, hipocrisia, enfermidade ou equívoco, e também a moral como causa, remédio, estimulante, freio ou veneno).

REENCONTROS

As representações que temos não são presentificação imediatas das coisas, senão reproduções que voltam a se fazer presentes as coisas ausentes. Sendo assim cada objeto encontrado é sempre um reencontro.

FOME E APETITE

Sempre destaco a sutil diferença entre a fome e o apetite, é a grande diferença entre o “banalizo o que como, pode ser qualquer coisa” e o “só como o que desejo de forma singular e com destaque à qualidade sobre a quantidade”.

MANTER O APETITE

Me esforço por manter o apetite, ainda que a natureza com o passar da idade nos tire grande parte das papilas gustativas.